

Chan Chan, capital de terra: um estudo de arquitetura e urbanismo sob novas óticas

Felipe Chaweles

Orientação: Profa. Dra. Renata Maria de Almeida Martins (FAUD-USP)

Pesquisa: Iniciação Científica, bolsa Fapesp, FAUD-USP, 2021-23.

Este artigo busca abordar a história e a historiografia de Chan Chan, a capital do Império Chimú, fundada no século IX na costa norte do atual Peru, e a maior cidade já construída inteiramente em terra, com o propósito de disseminar e sistematizar o acervo de conhecimento existente acerca da cidade, e assim, incentivar mais pesquisas em âmbito nacional, praticamente inexistentes até então. O trabalho, realizado com bolsa da Fapesp

e parte das iniciativas do Projeto Jovem Pesquisador Barroco-Açu (2021/06538-9) na FAU-USP, almejou traçar o perfil histórico da cidade, em paralelo com um estudo dos autores e trabalhos que abordam o tema e avançam as pesquisas. Assim, busca-se ressaltar a importância de reconhecer e valorizar a riqueza cultural e arquitetônica das civilizações indígenas ameríndias, como instrumento de ensino fundamental aos tempos atuais.

Palavras-chave: Chan Chan; América indígena; arquitetura em terra.

Chan Chan, earth capital: A Study of Architecture and Urbanism from New Perspectives

This article seeks to address the history and historiography of Chan Chan, the capital of the Chimú Empire, founded in the 9th century in the northern coast of present-day Peru, and the largest city ever built entirely out of earth, with the purpose of disseminating and systematizing the existing body of knowledge about Chan Chan in order to encourage more nation-wide researches, which are practically nonexistent until now. The research, carried out with the support of a grant from Fapesp, being part of the initiatives of the Young Researcher Barroco-Açu Project (2021/06538-9) at the FAU-USP, aimed to outline the historical profile of the city, in parallel with a study of the authors and works that address the topic and advance researches. Thus, it seeks to highlight the importance of recognizing and valuing the cultural and architectural richness of Amerindian indigenous civilizations, as a fundamental learning tool in current times.

Keywords: Chan Chan; indigenous America; earth architecture.

Chan Chan, capital de tierra: un estudio de Arquitectura y Urbanismo por nuevas óticas

Este artículo busca abordar la historia y la historiografía de Chan Chan, la capital del Imperio Chimú, fundada en el siglo IX, en la costa norte del actual Perú y la mayor ciudad construida enteramente con tierra, con el propósito de diseminar y sistematizar el acervo de conocimiento existente acerca de la ciudad, y así, incentivar más investigaciones en ámbito nacional, prácticamente inexistentes hasta entonces. El trabajo, realizado con una beca de Fapesp y parte de las iniciativas del Proyecto Joven Investigador Barroco-Açu (2021/06538-9) en FAU-USP, tuvo como objetivo trazar el perfil histórico de la ciudad, en paralelo con un estudio de los autores y trabajos que abordan el tema y avanzan las investigaciones. Así, se busca resaltar la importancia de reconocer y valorar la riqueza cultural y arquitectónica de las civilizaciones indígenas ameríndias, como un instrumento de enseñanza fundamental a los tiempos actuales.

Palabras clave: Chan Chan; América indígena; arquitectura en tierra.

1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo, no estudo e ensino de História, a América indígena foi vista com pouca relevância como detentora de um passado e memória importantes de serem transmitidos em sala de aula, um espaço sempre dominado pelo eurocentrismo. Na Arquitetura essa tendência global não foi distinta, a academia pouco destaque deu ao que se fazia nas Américas, seja em quesitos formais, da configuração dos espaços projetados pelo homem, seja materialmente, dos instrumentos, técnicas e materiais utilizados para a construção arquitetônica. Pode-se igualmente dizer que por muito tempo negou-se que pudesse haver uma mentalidade própria e significativa capaz de pensar a construção e conceber o espaço de maneira diferente da que se fazia na Europa. Em outros termos, não só nas disciplinas de História, mas também em outras projetuais e técnicas, a América indígena foi – e ainda é – um campo pouquíssimo contemplado.

Cabe ressaltar que, mesmo quando arquiteturas ameríndias pré-colombianas foram estudadas, o universo acadêmico privilegiou sociedades cuja produção material do espaço habitável seguia a lógica do “Velho Mundo”, ou seja, a construção em grande escala com o uso de materiais ditos “nobres” – em especial, a pedra. Culturas cuja materialidade da produção divergia do que era vangloriado na Europa foram gradualmente deixadas de lado da História por uma aparente falta de relevância; não se entendia e pouco se buscava entender a ancestralidade dos conhecimentos e práticas destes povos. O estudo arquitetônico da América indígena – que já era ínfimo em sala de aula – não abrigava saberes tradicionais que fugiam à uma (falsa) lógica europeizada.

Dada esta problemática, surgiu, durante aulas na FAU-USP, um interesse em explorar arquiteturas tradicionais da América indígena que, apesar de sua enorme riqueza, eram pouco conhecidas e divulgadas no curso de Arquitetura e Urbanismo, mas cuja contribuição conceitual é de suma relevância no debate

acadêmico. Durante esse processo, chamou a atenção a singularidade arquitetônica e urbanística de uma cidade erguida totalmente em terra na costa norte do atual Peru, o Império dos Chimú (o Chimor) e, em específico, sua capital, Chan Chan. Em diálogo com o grupo de estudos Abya-Yala FAU: Opção Decolonial e Culturas Ameríndias na História da Arte, da Arquitetura e do Território – parte do Projeto Jovem Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), coordenado pela Profa. Dra. Renata Martins na FAU-USP –, percebeu-se a enorme pertinência e a concomitante ausência do estudo desta cidade tanto nas salas de aula de arquitetura quanto, preocupantemente, no cenário da pesquisa arquitetônica brasileira, em seus mais diversos ramos. Um assunto de tamanha importância, praticamente renegado, merecia maior destaque no cenário nacional.

Assim, pensou-se no desenvolvimento de um projeto de Iniciação Científica cujo objetivo seria abordar o tema visando a divulgação das pesquisas sobre Chan Chan, junto à fundamentação e organização do material existente, para que pesquisas na área pudessem surgir e crescer no Brasil, em especial, na FAU-USP. Gradualmente, percebeu-se a potencialidade dos estudos sobre arquiteturas de terra nas Américas, e o forte vínculo que poderia ser traçado entre o tema pretendido e o Projeto Jovem Pesquisador Fase 2 da Fapesp Barroco-Açu (2021/06538-9), que visa justamente pensar e repensar o estudo da América indígena sob novas perspectivas decoloniais, pondo em segundo plano um eurocentrismo norteador e privilegiando saberes, técnicas e memórias tradicionais do nosso continente numa perspectiva transdisciplinar.

Desta forma, surgiu a pesquisa intitulada “Chan Chan, de Huaca a Huachaque: fontes para o estudo da antiga capital chimú” que teve por objetivo recolher e organizar quais foram os principais autores que trabalharam o tema desde a perspectiva do relato (as mais antigas), até as pesquisas mais recentes que tinham por fim o desenvolvimento de teorias acerca de Chan Chan, seu conhecimento e mapeamento.

Durante a concepção do projeto, infelizmente não foram encontradas pesquisas em língua portuguesa que

abordassem Chan Chan no que tange à sua construção espacial e avançando nos estudos. Percebeu-se, assim, a pesquisa como ainda mais necessária e com grande potencial de alavancar outros projetos nacionais sobre cidades, arquiteturas e artes das Américas indígenas, e especificamente, acerca das construções em terra. Cabe destacar, contudo, que foram encontrados trabalhos nacionais que abarcavam o contexto chimú e sua produção, como a importante tese de doutorado intitulada “Tecnologia cerâmica chimú: estudo arqueométrico da coleção do MAE-USP”, da pesquisadora Sílvia Cunha Lima, para o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (2010). Lima aborda a arquitetura de Chan Chan em sua tese, porém mais como contextualização (recorre a muitos autores trazidos aqui) que propriamente adentrando a discussão, já que seu foco estava na produção cerâmica.

Assim, apesar de relevância de tal trabalho, optou-se pelo foco em pesquisas que procuravam explorar propriamente os temas tangentes à arquitetura e ao urbanismo locais, necessários para a renovação das disciplinas de história nas faculdades brasileiras. Em suma, aqui pretende-se realizar um resumo do que foi a importante capital andina de Chan Chan e, em seguida, tratar das pesquisas realizadas sobre o tema até o momento de realização da pesquisa (2021-2023) buscando, desta forma, sua divulgação no ensino de graduação, como parte do conteúdo nas disciplinas obrigatórias e optativas de responsabilidade da Profa. Renata Martins na FAU-USP, em total consonância com os objetivos do Projeto JP2 Fapesp Barroco-Açu (2022-2027).

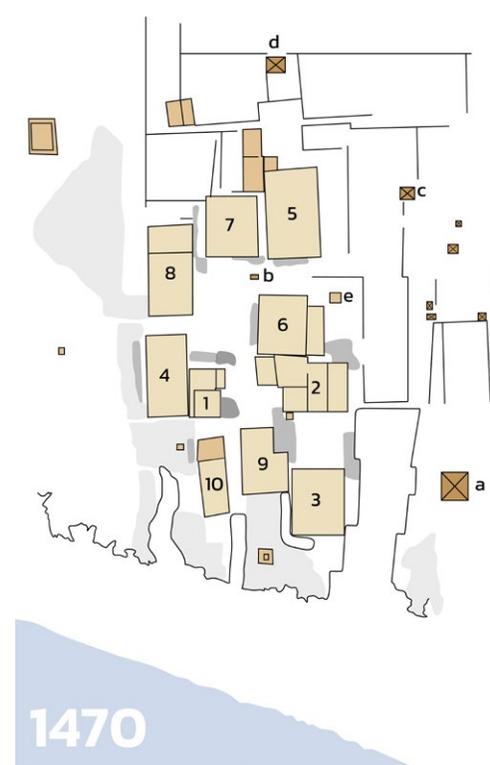
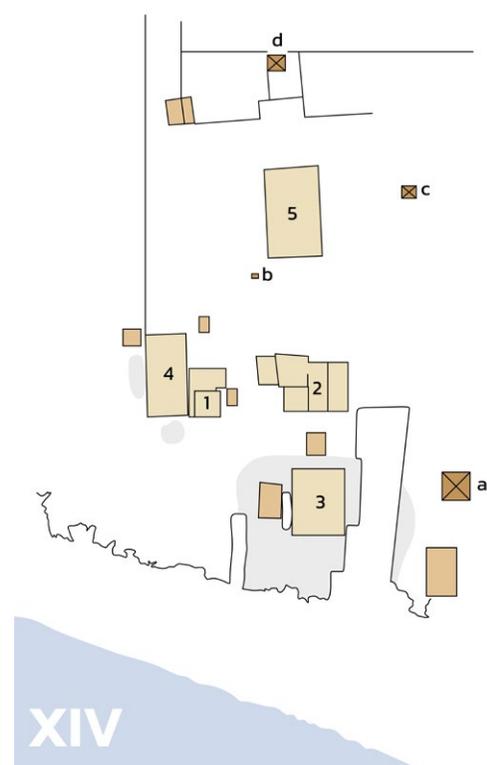
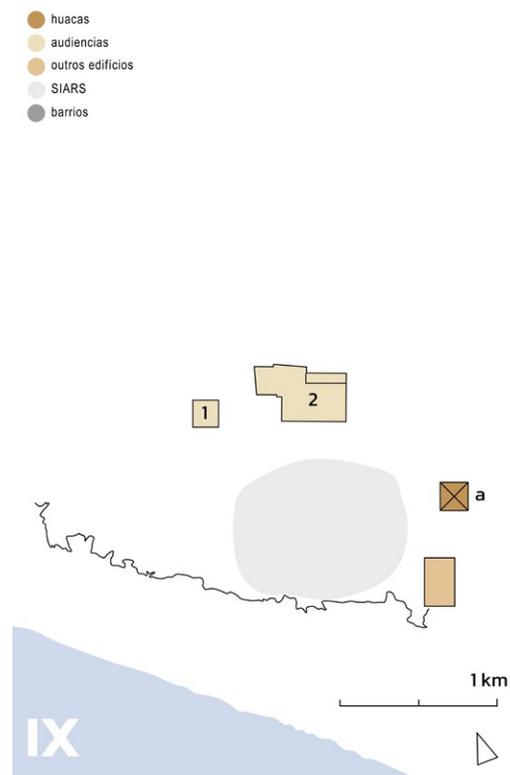
2. CHAN CHAN, DA TERRA À TERRA

Por volta do século XI emergiu, na costa norte do atual Peru, uma pequena ocupação indígena (Leyría, 2012, p.199) em uma região aberta, de fácil acesso e circulação (Moseley; Topic, 1983, p.163), a poucos quilômetros da foz do Rio Moche. Chamada de Chan Chan, a cidade carrega em seu nome o peso da arquitetura; “an”, na ancestral língua

muchik, significa “casa” e sua repetição, chan chan, “muitas casas”, um centro urbano (Lumbreras, 2020; Rengifo et al., 2020, p.9).¹ Este forte caráter chamava a atenção dos antigos povos indígenas que por ali circulavam, e assim denominaram o espaço e continuou intrigando exploradores e pesquisadores muito tempo depois de seu abandono em meados do século XVI (Kolata, 1985, p.136-137). Por mais que seu nome original, assim como a língua do povo chimú, não tenham sobrevivido, sua extensa e intrincada história de mais de cinco séculos de ocupação e crescimento deixou um legado substancial na costa andina.

Tendo ultrapassado os 20 km² de extensão (Leyría, 2012, p.199) em seu maior estágio, Chan Chan é conhecida por ser “*la ciudad de barro más grande del mundo*”.² São dezenas de mega edifícios – cada um com uma média de mais de 10 ha –, que entrelaçavam, de forma única, ambientes cerimoniais reservados e públicos, armazéns de bens perecíveis ou valiosos metais e pedras, recintos militares, centros administrativos, vivendas das mais variadas camadas sociais, diversas manufaturas, espaços para a circulação e abrigo de mercadores forasteiros (Leyría, 2012, p.202), entre inúmeras outras funções.

Os primeiros séculos do povo Chimú foram marcados por uma economia essencialmente rural e local. O primeiro assentamento surge bastante próximo ao mar, sobre um penhasco de terra que se projetava para o interior, chamado Pampa Esperanza, assim protegendo as construções dos efeitos mais diretos das águas. Apesar da aparente comodidade topográfica, o clima costeiro não era nada fácil, com grande variação pluviométrica e uma significativa escassez de fontes de água doce. O único corpo hídrico próximo e de fluxo perene era o Rio Moche, situado a 8 km de distância e cuja existência era fundamental para o desenvolvimento de qualquer tipo de vida agrária. Dada a situação ambiental, o desenvolvimento social exigia concomitante desenvolvimento de técnicas para um uso consciente e complexo das águas. Algo que maximizasse a perenidade das plantações e, ao mesmo tempo, expandisse a área infiltrável do linear Rio Moche, para um desenho mais complexo, aproveitando a água doce antes de que se misture com



o mar. Em decorrência disso, a sociedade (mesmo jovem e ainda com uma escala territorial e populacional pequena) foi capaz de realizar obras extremamente complexas de remanejamento das águas com a criação de inúmeros canais artificiais que redistribuíam as águas do rio por toda a Pampa Esperanza, tornando todo aquele território agriculturável. Tais obras monumentais foram interrompidas ao longo do desenvolvimento urbano de Chan Chan e parcialmente destruídas por algumas chuvas torrenciais ao longo dos séculos subsequentes, porém sua engenhosidade e precisão foi tamanha que até os dias atuais suas reminiscências são cruciais para muito do desenvolvimento agrícola da cidade de Trujillo (assentada próximo ao antigo centro chimú).

Por volta do século XII, segundo análises geoclimáticas e históricas nas quais se baseia o antropólogo Alan Kolata (1985, p.135), uma catástrofe provocada pelo pouco previsível El Niño estorvou de maneira definitiva a produção agrícola, levando a uma severa e prolongada escassez na qual todas as obras hidráulicas tornaram-se insuficientes para o desenvolvimento de uma sociedade plena

e autossustentável. Os chimús depararam-se com a necessidade extrema de alterar a estrutura de sua produção material de maneira a impedir que futuros climas extremos causados pudessem destruí-la. O fato de a sociedade ter conseguido reestruturar-se profundamente após o estorvo do *El Niño* permite concluir que, por si só, esse fenômeno natural não teve um impacto material tão extremo. Caso isso tivesse ocorrido, os Chimús não teriam tido fôlego e reserva material para alterar a sua base produtiva de maneira tão radical, como o fizeram. O que houve ali, mais sutil e poderosa, foi uma mudança estrutural na forma de atuar sobre o meio. A resiliência em compreender que a exploração natural tinha um limite físico intransponível, e que, cedo ou tarde, poderia ser a causa da ruína, foi o que levou à mudança basilar no pensamento chimú.

Em poucas décadas o povo Chimú passou por uma extrema reestruturação de uma economia de subsistência agrícola para outra baseada no expansionismo militar e tributário sobre populações adjacentes, todas no litoral andino. É interessante evidenciar como tal reestruturação pôde ser muito bem

compreendida a partir do estudo dos vestígios arqueológicos e principalmente arquitetônicos. Ocorre uma abrupta interrupção em quase todas as obras hidráulicas e em suas manutenções, paralela a um crescimento urbano muito acelerado marcado pela construção de espaços com fins militares e de armazenamento de espólios e tributos.

Em outras palavras, a grande receita que fluía à capital passou a alterar substancialmente os modos de vida e, conseqüentemente, de construção e ocupação do espaço urbano. Os vestígios arqueológicos e arquitetônicos evidenciam o surgimento e a consolidação de uma significativa camada social intermediária, essencialmente burocrata e ascendente economicamente, responsável pela administração dos bens e riquezas obtidos por esses tributos militares. Desde o período agrícola, Chan Chan era marcada por alguns pequenos centros amuralhados, conhecidos como *ciudadelas* (Moseley; Topic, 1983, p.160), que serviam de residência para uma pequena elite administrativa e religiosa, rodeada por construções

precárias, executadas com materiais de fácil obtenção e pouco trabalhados, pertencentes à população mais pobre, responsável pela execução das grandes obras e cultivo das terras. O que surge então são construções não amuralhadas e de menor escala, mas fruto de planejamentos detalhados e executados com materiais e técnicas de qualidade, erguidas sobre plataformas artificiais no entremeio das *ciudadelas* e das habitações de baixo padrão. Paralelo ao novo desenho urbano, as construções amuralhadas de elite começam a ganhar formas mais complexas em seu interior – mesmo mantendo o formato externo de antes. Começam a aparecer de forma muito presente estruturas de pequena escala que, vistas em planta, exibiam formato de U e ramificavam-se por toda a zona norte dos espaços amuralhados. Tais espaços continham cochos e nichos, cuja função, pelo que apontam os vestígios arqueológicos, era centralmente a de armazenamento massivo dos mais variados bens materiais, recebendo o nome de *U-shaped structures* (Andrews, 1974, p.241) ou *audiencias* (Day; Keatinge, 1973, p.275). As pesquisas viriam a



apontar que tal estrutura arquitetônica, na realidade, aparece como consequência do expansionismo militar, pouco posterior a ele.

Durante seu primeiro período histórico, Chan Chan nunca necessitou de um desenvolvimento arquitetônico especializado no armazenamento massivo de bens, justamente porque a habilidade hidráulica permitia certa perenidade na produção material e um subsequente consumo rápido. Com a mudança econômica e de subsistência estrutural, o centro urbano passa a receber cotidianamente um enorme fluxo material que exigia do espaço características pouco usadas anteriormente. Assim, a mudança social abrupta e profunda acaba sendo refletida na arquitetura, com o desenvolvimento experimental de diversos espaços que agora precisavam não somente armazenar bens perecíveis de consumo a curto e médio prazo (como alimentos e tecidos), mas igualmente a guarda e segurança de objetos de maior valor, que serviam tanto para a demonstração de poder interna e externa da elite (para sua população e para outras elites regionais), como igualmente como meio de troca e diálogo com as comunidades vizinhas. Essas *audiencias* têm uma rápida evolução e incorporação na arquitetura típica chimú e, com o passar das décadas, vão se especializando formalmente. Algo significativo evidenciado pela análise comparativa e temporal dos vestígios é justamente o processo espacial de desenvolvimento do conceito e do melhor formato de tais espaços. Se primeiramente aparecem como algo um tanto improvisado nos projetos arquitetônicos, gradualmente ganham maior ordenamento espacial, regularidade construtiva e especificação a depender dos bens que ali seriam armazenados.

Os pesquisadores Moseley e Topic (1983), baseados nos estudos de Geoffrey Conrad (1974),³ apontam que entre o século XII e meados do XIV, inúmeras reformas foram realizadas em todo o complexo. Foi então padronizada a divisão tripartite das *ciudadelas* (Moseley; Topic, 1983, p.161), citada anteriormente: um setor norte constituído de uma entrada indireta (a única de cada *ciudadela* (Rengifo et al., 2020, p.23) junto a um pátio central

ladeado por vários outros menores; um setor central que dá continuidade ao norte e apresenta um desenho em planta semelhante, com plataformas cerimoniais em seu centro; seguido de um setor sul desprovido de subdivisões em adobe, podendo conter espécies de lagos rasos artificiais *huachaqes* (Rengifo et al., 2020, p.69) ou *walk-in-wells* (Kolata, 1985, p.124) e construções feitas com materiais perecíveis que parecem ser o local do mais alto escalão chimú. Também se constrói, no início deste período, a maior e mais complexa das *ciudadelas* com a maior presença de audiências, pátios e plataformas elevadas (provavelmente para rituais), a posteriormente chamada Tush An (Gran Chimú), no nordeste da cidade, o que revela um exímio planejamento arquitetônico e urbanístico da sociedade chimú.

Cabe ressaltar que todas as grandes construções de Chan Chan foram feitas quase exclusivamente com terra, em suas variadas formas construtivas (vários tipos de adobe e apiloamento⁴). Chan Chan levou a técnica da terra aos seus limites e é hoje uma importantíssima referência. A respeito de sua datação, os principais pesquisadores da cidade afirmam que sua construção se iniciou no setor sudeste com a *Huaca*⁵ Higo e a *ciudadela* Chayahuac (Kolata, 1978, p.18) como espaços destinados a camadas mais altas da sociedade, e os arrabaldes destes sítios, em direção ao mar, ocupados pelas camadas mais baixas com um tipo construtivo cunhado como *siar*.⁶

De meados do século XIV em diante, os principais estudos tendem a concordar que houve uma estabilização das formas construtivas e da expansão urbana, realizando-se somente alterações no tecido já ocupado na parte mais antiga da cidade junto, também, a uma renovação mais demorada dos *barríos*,⁷ que parece nunca ter sido terminada (Moseley; Topic, 1983, p.162). Analisando a estrutura social e econômica da sociedade chimú, observa-se que a mudança estrutural vivida em Chan Chan, fruto de uma crise nos meios de produção, realmente permitiu a manutenção da existência daquele povo de forma menos dependente das imposições das climáticas. A curto e médio prazo, tal expansionismo militar trouxe prosperidade, porém, como é comum a meios produtivos fundamentados na expansão de seus

bens e recursos, o limite material e territorial se impôs sobre a capacidade de sua manutenção. Em outras palavras, o alicerçamento da sociedade em bens saqueados e/ou tributários, cuja manutenção exigia sempre a prospecção em um futuro com aumento de riquezas importadas, atingiu um limite espacial. Os Chimús conseguiram conquistar parte significativa da costa andina a tal ponto em que continuar a expansão nesse mesmo sentido linear requereria mais custos de transporte e controle das populações distantes do que lucros. Ao mesmo tempo, não se observou nenhuma iniciativa chimú para buscar a subida dos andes com um expansionismo militar em novas altitudes, mesmo que não se saiba ainda ao certo o motivo de tal escolha.

Atingindo assim um limite, a sociedade paralisou-se e sua abonação ficou fragilizada. Conseguiu manter-se estável interrompendo o desenvolvimento das novas obras arquitetônicas (que agora tampouco teriam função de armazenar mais bens do que já se armazenavam) e o povo Chimú conseguiu manter-se de pé por mais um século, mesmo que já de maneira decadente, pelo que apontam os vestígios arquitetônicos e arqueológicos. Assim, em meados do século XV, o surgimento expansivo do Tahuantinsuyu (conhecido como Império Inca) nas regiões mais montanhosas da cordilheira, conseguiria pôr fim ao decadente Chimor. Cabe ressaltar que muitos pesquisadores, como Kent Day e Richard Keatinge (1973, p.290), frisam que tal conquista não foi simples, sendo talvez a mais difícil enfrentada pelo Quéchuas, e cujos espólios foram muito significativos para cultura e arquitetura do império. Houve muita influência e absorção de técnicas militares e políticas chimús assim como a deportação de muitos artesãos responsáveis pelos projetos arquitetônicos para auxiliar no desenvolvimento urbano de Cusco. Na análise dos autores, muito do sucesso quéchua deveu-se justamente a essa apreensão das técnicas políticas, administrativas e militares muito bem desenvolvidas pelo Chimor durante séculos.

3. CHAN CHAN: A HISTÓRIA DA HISTÓRIA

O primeiro registro escrito sobre o Chimor do qual se tem notícia é o do autor conhecido como *Anónimo Trujillano*, de 1604,

que descreve, dentre vários assuntos, uma história das linhagens reais que governaram o império dos Chimús. Na segunda metade do século XVIII, o *obispo* de Trujillo, Baltasar Jaime Martínez Compañón, ordena a confecção de um extenso trabalho com nove volumes contando da realidade local e, nisso, mapeiam-se alguns dos espaços da abandonada Chan Chan. Mesmo sendo um dos registros mais antigos e importantes que se tem sobre o tema (Rengifo et al., 2020, p.29), cabe salientar que este já era muito posterior à real ocupação da cidade de Chan Chan, abandonada duzentos anos antes.

Em meados do século XIX emergem alguns exploradores interessados em entender aquelas ruínas, preparando terreno, quase literalmente, para os primeiros estudos acadêmicos de Chan Chan que ocorreriam no alvorecer do século seguinte. Segundo Kolata (1978), entre estes exploradores destacam-se Mariano Rivero e Jakob von Tschudi, que registraram incontáveis objetos encontrados em Chan Chan, mapearam as duas *ciudadelas* cujos nomes viriam a homenageá-los décadas mais tarde e formularam primeiras teorias históricas e de ocupação não só da capital chimú, mas também de outros sítios já conhecidos. Outros importantes nomes foram Ephraim Squier (1877) e Adolf Bandelier (1896), que mapearam outras *ciudadelas*, fazendo escavações pontuais e estudos teóricos.⁸

Nas primeiras décadas do século XX as pesquisas se intensificaram. Em uma primeira leva despontam Max Uhle, José Kimmich, Philip Means, Wendell Bennett, Hans Horkheimer e John Rowe. Este último faz um extenso trabalho sobre as obras coloniais, lançando luz sobre todo um vasto campo de estudo comparativo entre achados arqueológicos, mapas e documentos escritos (Rengifo, 2020; Rengifo et al., 2020, p.38). Em 1952 o Estado peruano reconhece o plano oficial da Cidade Arqueológica de Chan Chan segundo os levantamentos de Emilio González (Rengifo, 2020; Rengifo et al., 2020, p.35) e a partir daí se iniciam projetos de pesquisa com proporções maiores e mais sistematizados. Entre 1969 e 1975, ocorre o importante supracitado *Chan Chan Moche Valley Project*, da Universidade de Harvard, cujos efeitos influenciaram todos os estudos subsequentes e reverberam até hoje. Os pesquisadores fundamentais



para esta iniciação científica foram parte ou beberam diretamente da fonte desta extensa exploração, sendo eles: Alan Kolata, Anthony Andrews, Alexandra Klymyshyn, Carol Mackey, Geoffrey Conrad, Jerry Moore, John Topic, Kent Day, Michael Moseley, entre outros. Alguns livros de grande destaque publicados por tais pesquisadores são: *Chan Chan, Metrópoli Chimú (1980)*, editado por Rogger Ravines; *Chan Chan Andean Desert City (1982)*, editado por Kent Day e Michael Moseley; e *The Northern Dynasties Kingship and Statecraft in Chimor (1990)*, editado algum tempo mais tarde por Michael Moseley e Alana Cordy-Collins.

Com todos estes projetos, Chan Chan é declarada Patrimônio da Humanidade em Perigo pela Unesco em 1985. Após este *boom* no estudo arqueológico e histórico de Chan Chan, principalmente de pesquisadores estadunidenses, os anos 1990 foram marcados por projetos de conservação e restauração do espaço já estudado, com diminuição das investigações teóricas. Também surgiram (e vêm surgindo) uma série de profissionais latino-americanos interessados em entender mais de seu passado junto a outros internacionais, tanto no contexto mais amplo da cultura andina quanto, em específico, da história do Chimor. Entre estes autores, destacam-se: Luis Guillermo Lumbreras, Luis Millones, Jorge Enrique Hardoy, Mónica Leyría, Cristóbal Campana, Joe Piekarski e Masato Sakai.

Em dezembro de 2006 o governo peruano criou o *Proyecto Especial Complejo Arqueológico de Chan Chan* (Pecach). Este buscou primeiro a preservação arquitetônica, mas de pronto passou a realizar novas escavações e zelar pela conservação dos objetos arqueológicos que Chan Chan ainda guardava. Entretanto, não parece haver ainda muitos estudos históricos e antropológicos sobre aquilo que se encontra, se comparado à efervescência das pesquisas nas décadas de 1970 e 1980.

4. RESULTADOS: O QUE TEMOS A APRENDER

O estudo da sociedade andina dos Chimú está intrinsecamente atrelado à sua arquitetura; da mesma forma que a compreensão da arquitetura é fundamental para pensar sua sociedade.

A Iniciação Científica buscava facilitar e incentivar que o centro urbano de Chan Chan, iniciado no século IX, e desde 1985 patrimônio mundial pela Unesco, fosse estudado em sala de aula e igualmente pesquisado, ampliando o repertório acadêmico nacional e buscando pensar novas formas de fazer arquitetura no Brasil e na América Latina. Entender como se organizava espacialmente este povo ultrapassa o campo urbanístico e arquitetônico e se torna uma forma de entender as possíveis maneiras de estar e pensar o espaço de uma sociedade anterior a qualquer contato com o Ocidente. O Chimor, assim como outros grandes povos, deve ser inserido em sala de aula, não só para repensar a História da Arquitetura e do Urbanismo, como igualmente construir um presente no qual sociedades e técnicas ancestrais tornam-se referências e guias para a construção de um futuro melhor e adaptado às necessidades impostas pelo ambiente.

A Iniciação Científica realizada já alcançou bons frutos desde sua finalização, tendo conseguido reunir de maneira satisfatória os principais autores e trabalhos do tema, apresentando-os de forma clara e organizada para que estudos futuros em território nacional sobre os Chimú tenham bons alicerces para se desenvolver. A pesquisa foi apresentada em Seminário de Graduação na FAU-USP e parte de sua bibliografia está sendo inserida no material bibliográfico básico de disciplinas obrigatórias e optativas de História da Arquitetura, da Arte e do Urbanismo de responsabilidade da Profa. Renata Martins. Igualmente, sempre em diálogo com os objetivos do Projeto JP2 da Fapesp Barroco-Açu.

NOTAS

- Contudo, não existe consenso quanto a esta etimologia, havendo debates recentes sobre a questão (Urban, 2017).
- A maior cidade de barro do mundo. (Butters, 2020; Rengifo et al., 2020, p.12, tradução nossa)
- Em 1974, Geoffrey Conrad realiza um estudo sobre remanescentes arquitetônicos cerimoniais na costa norte do Peru, buscando compreender como os espaços construídos explicariam os movimentos políticos durante o reinado dos Chimús. Esta metodologia de estudo baseada na observação arqueológica dos vestígios arquitetônicos transformaria-se em estratégia crucial para o desenvolvimento das grandes pesquisas subsequentes.

4. Apiloamento: compactação de terra com uso de moldes laterais para a construção de muros e paredes exclusivamente desse material.

5. “Em Comentarios Reales de los Incas (1608), Garcilaso de la Vega descreve a huaca como ‘uma coisa sagrada’ [...]. Hoje o termo huaca é atribuído aos montículos artificiais construídos pelos povos andinos em tempos pré-hispânicos, cuja função de templo ou estrutura funerária pode ser certificada pelas incontáveis tumbas e oferendas escavadas neles.” (Arcuri, 2009, p.38).

6. “Small Irregular Agglutinated Rooms” [quartos pequenos, irregulares e aglutinados] (Kolata, 1978, p.51, tradução nossa).

7. O termo “barrio”, de origem castelhana, é utilizado na literatura em inglês sobre o tema para designar as áreas da cidade destinadas às classes mais baixas. Já aparece nos estudos de Ephraim Squier (1877, p.458) fazendo referência às zonas de Cuzco e é utilizada por Kolata (1978), Moseley e Topic (1983), entre outros, para o caso de Chan Chan. O termo aparece junto ao tipo construtivo *siar*, referenciado anteriormente.

8. Tanto Rivero e Tschudi quanto Squier e Bandelier foram homenageados na alcunha de algumas das *ciudadelas*. Em 2006, porém, o Instituto Nacional de Cultura renomeou todas com vocábulos da língua indígena local que descrevem cada ambiente (Los Palacios del Complejo Arqueológico de Chan Chan, 2016), desta forma as *ciudadelas* citadas passaram a se chamar, respectivamente: Chol An, Nik An, Fochic An e *Ñain An*.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, Anthony. The U-Shaped Structures at Chan Chan, Peru. **Journal of Field Archaeology**, v.1, n.3/4, 1974, p.241-264. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/529293>. Acesso em: 25 ago. 2023.

ARCURI, Marcia. O Tahuantinsuyu e o Poder das Huacas nas Relações entre Centro x Periferia de Cusco. **Revista do Museu de Antropologia e Etnologia**, São Paulo, 2009, p.37-51. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmaesupl/article/view/113507>. Acesso em: 19 jul. 2023.

CHAN CHAN CELEBRA 25 AÑOS. La República, Peru, 28 nov. 2011. **Sociedad**. Disponível em: <https://larepublica.pe/sociedad/593701-chan-chan-celebra-25-anos>. Acesso em: 14 set. 2023.

CHAWALES, Felipe. **Chan Chan, de Huaca a Huachaque**: fontes para o estudo da antiga capital Chimú. Iniciação Científica. São Paulo: FAU-USP/Fapesp, 2023.

CONRAD, Geoffrey. **Burial platforms and related structures on the north coast of Peru**: some social and political implications. 1974. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Harvard, Cambridge, 1974.

DAY, Kent; KEATINGE, Richard. Socio-economic organization of the Moche Valley, Peru, during the Chimu occupation of Chan Chan. **Journal of Anthropological Research**, New Mexico, v.29, n.4, 1973, p.275–295. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3629879>. Acesso em: 23 set. 2023.

KOLATA, Alan. **Chan Chan**: the form of the city in time. 1978. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Harvard, Cambridge, Massachusetts, 1978.

KOLATA, Alan. **The urban concept of Chan Chan**, 1985. In: The Northern Dynasties: Kingship and Statecraft in Chimor: A Symposium at Dumbarton Oaks, University of Chicago, Chicago, 1990, p.107-144. Disponível em: <https://d3qioqp55mxf5.cloudfront.net/anthropology/images/faculty/zTheUrbanConceptOfChanChan.pdf?mtime=1447082262>. Acesso em: 21 set. 2023.

LEYRÍA, Mónica. Arquitectura popular en Chan Chan. **Interculturalidad y Ciencias: experiencias desde América Latina**, Centro de Investigaciones Precolombinas, Universidad Nacional de Rosario, Argentina, 2012, p.199-206. Disponível em: https://www.academia.edu/40232431/ARQUITECTURA_POPULAR_EN_CHAN_CHAN_-_Leyria. Acesso em: 10 jul. 2023.

LOS PALACIOS DEL COMPLEJO ARQUEOLÓGICO DE CHAN CHAN. **Arqueología del Perú**, Peru, 2016. Disponível em: <https://arqueologiadelperu.com/los-palacios-del-complejo-arqueologico-chan-chan>. Acesso em: 20 maio 2023.

MEANS, Philip. **Ancient Civilizations of the Andes**. Nova York: Charles Scribner's Sons First Edition, 1931.

MOORE, Jerry. Pattern and meaning in prehistoric peruvian architecture: the architecture of social control in the Chimu State. **Latin American Antiquity**, v.3, n. 2, 1992, p.95-113. Disponível em: www.jstor.org/stable/971938. Acesso em: 25 ago. 2023.

MOSELEY, Michael; TOPIC, John. Chan Chan: a case study of urban change in Peru. **Ñawpa Pacha: Journal of Andean Archaeology**, n.21, 1983, p.153-182. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27977764>. Acesso em: 25 set. 2023.

PUEBLO CONTINENTE: REVISTA OFICIAL DE LA UNIVERSIDAD PRIVADA ANTENOR ORREGO. **Especial: Chan Chan**. Trujillo, Perú: Ediciones Carolina, v.21, n.1, 2010, p.8-125. Semestral. ISSN: 1991-5837. Disponível em: <http://journal.upao.edu.pe/PuebloContinente/issue/view/35>. Acesso em: 20 ago. 2023.

RENGIFO, Carlos (ed.). **Chan Chan**: esplendor y legado. Trujillo, Peru: Pecach/Ministerio de Cultura del Perú, 2020. Disponível em: https://issuu.com/ddclalibertad/docs/chan_chan_esplendor_y_legado. Acesso em: 20 jul. 2023.

RIVERO, Mariano Eduardo de; TSCHUDI, Juan Diego de. **Antigüedades Peruanas**. Viena: Imprenta Imperial de la Corte y del Estado. 1851. Disponível em: <https://bvpb.mcu.es/es/consulta/registro.cmd?id=469741>. Acesso em: 24 set. 2023.

SQUIER, Ephraim George. **Peru Illustrated**: incidents of travel and exploration in the land of the Incas. Nova York: Hurst & Company Publishers, 1877. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=gri.ark:/13960/t42r55m8o&view=1up&seq=52&skin=2021>. Acesso em: 20 abr. 2023.

TOPIC, John. From stewards to bureaucrats: architecture and information flow at Chan Chan, Peru. **Latin American Antiquity**, v.14, n.3, 2003, p.243-274. Disponível em: www.jstor.org/stable/3557559. Acesso em: 26 ago. 2023.

UHLE, Max. **Las ruinas de Moche (1915)**. 1. ed. Lima, Peru: Fondo Editorial/Pontificia Universidad Católica del Perú, 2014. Disponível em: <https://www.scribd.com/book/293593586/Las-ruinas-de-Moche>. Acesso em: 20 jul. 2023.

UNESCO. **Chan Chan archaeological zone**. International Council on Monuments and Sites, 29 jul. 1985. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/366/>. Acesso em: 2 abr. 2023.

URBAN, Matthias. **Observaciones Etimológicas acerca del Nombre de la Ciudad Antigua de Chan Chan y sus Estructuras Arquitectónicas**. Universität Tübingen, Alemanha. In: Letras, Revista de Investigación de la Facultad de Letras y Ciencias Humanas, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Peru, v. 88, 2017, n. 128, p. 126–148.

WEST, Michael. Community settlement patterns in Chan Chan, Peru. **American Antiquity**, Cambridge University Press, v.35, n.1, 1970, p.74-86. Disponível em: www.jstor.org/stable/278179. Acesso em: 26 set. 2023.

SOBRE O AUTOR

Felipe Chaweles, aluno de graduação em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Artigo fruto de pesquisa de Iniciação Científica realizada com apoio Fapesp, inserido no grupo de pesquisa Projeto Jovem Pesquisador Barroco-Açu da Fapesp (2021/06538-9), realizada entre 2021 e 2023.

chaweles@usp.br